Impasse: entre os sonhos e vibrâncias.

Impasse: between dreams and vibrations.

> “Nadie sabe lo que puede o no puede. Como el árbol, el hombre no es dueño de su sombra”. (Juarroz, 1997)

1- Introdução

O objetivo é o de relacionar as situações de impasse com os sonhos que conduzem o sonhador para o limiar da posição depressiva. Compreende que a relação de influência recíproca entre a posição esquizoparanóide, PS, e a posição depressiva, D, (PS ↔ D) encontra-se entrelaçada com elementos da mente primitiva em uma área de vibrância. Propõe a hipótese de que na área de vibrância existe o entrelaçamento dos fragmentos não integrados e passíveis de identificação projetiva, relativos a PS, fragmentos integrados em unidades simbólicas, relativos a D, e também elementos da mente primordial, o das vivências caóticas, que são evacuados e não projetados ou integrados em unidades simbólicas. Lança a hipótese de que entrelaçamentos de tais conteúdos estariam na origem das situações de impasse que se seguem aos sonhos do limiar da posição depressiva. Através de dois exemplos, recortes em material clínico, serão propostas articulações teóricas com as quais pretende-se compreender a relação proposta.

Todo paciente chega à análise com uma situação de impasse interno que se aloja na relação terapêutica, o que justifica a importância de sua

investigação pois se refere a deformação da situação analítica pressionando o enquadre e a utilização das intervenções. Freud (1937/1969) já nos prevenia sobre os resultados insatisfatórios às ambições terapêuticas originados na força constitucional das pulsões, fraqueza relativa do ego e aos danos traumáticos ao desenvolvimento. Encontramos descrições importantes sobre a situação do impasse (Rosnick, 2012) que nos permite um posicionamento teórico para sua compreensão.

A importância de determinados sonhos em análise nos aproxima do que foi apresentado por Jean Michel Quinodoz (2000) sobre os sonhos de virar a página que possuem como característica principal a paradoxalidade. Este aspecto se refere a uma ansiedade primitiva relativa ao conteúdo manifesto e que ameaça o sonhador, mas sinaliza para o psicanalista um estágio de integração psíquica que traz consequências técnicas importantes. Revelam com clareza e coerência a estrutura de fantasias inconscientes e conflitos intrapsíquicos em processo de elaboração e seus elementos estão ligados a matriz da fantasia primária (Perron-Borelli & Perron,1987), que permaneceram inconscientes até que são sonhados. Na técnica clássica o psicanalista analisa as resistências inconscientes e suas representações adquirem figurabilidade, nestes sonhos o psicanalista primeiro observa uma mudança nos processos psíquicos do paciente e então é surpreendido pelo conteúdo de um sonho significativo que ilumina o processo de elaboração psíquica. Este tipo de sonho surgiria durante as fases de integração no processo constante de transformações relativos as oscilações entre as posições esquizoparanóide e depressiva que impactam a função onírica.

Sobre a influência recíproca entre a posição esquizoparanóide e a posição depressiva nos aproximamos da definição dos elementos psicanalíticos realizada por Bion (1963/2004). Estes elementos, seriam funções da personalidade e um deles é o mecanismo PS $\leftrightarrows$ D. O autor utiliza a teoria das posições em Melanie Klein (1936,1948) mas se refere a um mecanismo conjugado ao que foi apresentado por Poincaré (1946)

como sendo a reação emocional da descoberta, o fato selecionado. A função PS ⇆ D se encontra em todo processo de mudança de uma categoria como representada na grade (Bion, 1963/ 2004) para outra, e seu mecanismo nos oferece a imagem de uma nuvem de partículas, fragmentos de incertezas, PS, capaz de se reunir, D, e desta reunião um objeto capaz de se fragmentar. O fluxo da integração e desintegração é possibilitado pelo fato selecionado. A transformação de partículas de fragmentos em elementos beta oferece a possibilidade de que estes descubram um continente, ou seja, serão conteúdos ♂ em busca de um continente, ♀ . Como há um fluxo entre PS ⇆ D, os mecanismos psíquicos da PS dependem daqueles em D e seus movimentos de progressão e regressão estão ancorados na relação ♂ ♀ (continente-conteúdo) e na existência de um fato selecionado que possa conduzir de uma posição para outra. Esta qualidade dinâmica estaria relacionada (Bion,1963/2004) aos conteúdos edípicos, aos pensamentos e ao aparelho de pensar pensamentos e a capacidade de simbolização. Os movimentos de progressão e regressão, característicos de PS ⇆ D, são observados tanto nas partes psicóticas como nas partes não psicóticas da personalidade. A progressão se refere ao perigo representado pela depressão e culpa na reparação dos objetos e a regressão implica no risco de uma fragmentação secundária e ou total fragmentação. Grotstein (2011), acredita existir uma proposta de dialetização entre PS ⇆ D na qual uma posição é mediadora da outra, o que dilui o sentido patológico de posição esquizoparanóide. Esta dialética nos apresentaria um vértice binocular, uma visão a partir de dois lugares que por sua vez triangularizam com O, a realidade última. Assim, PS ⇆ D seriam vértices que fazem mediação com O, não possuindo mecanismos distintos ou funcionamento em separado, pois cada posição pode assumir necessidades da outra.

Os elementos da mente primordial nos aproximam do interesse de Bion (1987a/1976, 1987b/1976,1985,1981/1977,1994c/1979) sobre o psiquismo pré-natal em sua comunicação com o psiquimo pós-natal. Este

vértice de conhecimento mais tardio em sua obra demonstra que a barreira de contato (Bion,1975/1962) e o trabalho da função alfa, ligados ao processo de aprender com a experiência emocional, se emparelha ao conceito de cesura (Bion,1981/1977). Os conteúdos inacessíveis da mente (Bion,1973/1966,1997) seriam registros primordiais anteriores a possiblidade de se aprender com a experiência, não sendo inconscientes ou conscientes, mas pertencendo a um estado de mente inacessível que permaneceria latentes ou manifesto através de vivências caóticas. Conceitos como os de pensamentos sem pensador, a urgência de existir, os pensamentos selvagens e a consciência moral primitiva estariam ligados aos estados de mente primordial. Mattos e Braga (2009), investigando sobre as supervisões de Bion nos apresenta a noção de que a mente primitiva seria uma forma de funcionamento complexo propondo sua denominação como consciência moral primitiva. A acentuação do aspecto primitivo desta moralidade se deve a observações clínicas de intensos sentimentos de auto ódio, culpa, impedimentos ao desenvolvimento do self, proibições a vivências prazerosas, sexuais bem como o risco de suicídio.

A área de vibrância nos é apresentada por Leandro Stiztman (2011,2017) como um lócus de observação exploratória, ou seja, uma categoria de análise para o trabalho do psicanalista. Assim, atualiza conceitos que permitam uma transformação do enunciado teórico em enunciado instrumental no sentido de formalizar uma linguagem que possibilite a utilização da intuição psicanalítica. Para o autor, a personalidade não se posiciona de maneira paranoide ou depressiva, pois há um movimento de simultaneidade pois a função de integração-desintegração se relaciona com o diâmetro da função de dispersão e integração em PS ↔ D. A função de integração-desintegração não será a alternância paranoide ou depressiva como em Klein, nem a oscilação PS ⇆ D como em Bion, mas está localizada na área de vibração (↔) entre PS e D. As conjunções que ocupam este território vibram nos momentos pré-catastróficos, catastróficos e pós-catastróficos. É uma área de ação de todos os estados possíveis de uma conjunção, ou seja, pressupõe que uma

conjunção se constitui de fragmentos entrelaçados aos estados de integração e desintegração e que uma transformação simultânea é derivada da modificação de qualquer fragmento destes estados. Assim, a integração de um fragmento produz uma dinâmica que vibra e modifica os demais fragmentos não integrados (Stitzman, 2009a, 2009b). Desta forma, em uma conjunção de elementos na área de vibrância PS ↔ D se supõe a existência de entrelaçamentos e suas implicações, ou seja, qualquer modificação que integre o que estava fragmentado produzirá ressonâncias nas partículas não integradas. Podemos compreender, baseados no que o autor apresenta, que o entrelaçamento é um processo matricial de funcionamento que implica as partes psicóticas e não psicóticas da personalidade que se encontram relacionadas, interatuantes e em transformação ou seja, o entrelaçamento será um processo matricial de funcionamento mental.

Assim, a construção da hipótese anteriormente descrita, considera que na área de vibrância, Ps ↔ D, existe de forma entrelaçada fragmentos não integrados (PS), fragmentos integrados (D) e elementos da mente primordial. Desta forma, considera esta conjunção como necessária à compreensão teórica do recorte proposto de forma a supor uma abstração que nos permite tensionar tais conceitos como uma condição de possibilidade para reflexões. A partir do pressuposto no qual as conjunções contêm um terceiro elemento que é o da mente primordial, nos aproximamos de suas relações com concepções sobre as vivências caóticas e a inveja inconsciente observadas nas situações de impasse que serão descritas.

2- MATERIAL CLÍNICO

Primeiro paciente

O sonho considerado ocorre no quarto ano de análise sendo que os anteriores repetiam cenas nas quais a fuga de ambientes que causavam

profunda estranheza era urgente, mas quando encontrava a saída para um lugar aberto imagens de figuras bizarras e assustadoras o faziam retornar. A transição do sono para o estado de vigília era frequentemente acompanhada de angústia pois se queixava de que o espaço de tempo no qual não se sentia nem acordado e nem mais dormindo, era longo demais e ele ficava confuso se seus pensamentos eram dos sonhos ou de vigília e que eram sempre catastróficos. Após o despertar destes estados intermediários havia ações ritualísticas, que traziam a sensação definitiva do despertar. Outro aspecto importante a ser assinalado era o de sua capacidade de copiar com vários tipos de materiais, objetos de seu interesse.

Anteriormente seus sonhos eram sempre contados no final da sessão, mas a narrativa deste, pela primeira vez inicia nosso encontro
Paciente*... eu quero contar um sonho que tive esta noite que eu achei muito louco, muito estranho, essas loucuras que a gente sonha né? Mas como você diz que eles sempre querem dizer alguma coisa...eu estava fazendo aquele X* (uma cópia) *que eu te falei, estava ficando lindo e aliás está perfeito.... Aí, eu não sei como aconteceu, eu sonhei que roubaram X, não sei quem foi mas eu fui procurar e roubaram, me deu uma dor, eu fiquei com uma raiva, e aí eu pensei: não vou fazer de novo, senti que não ia conseguir fazer outro, que não ia fazer de novo*...(que não seria possível fazer uma cópia a terapeuta pensou)...*é, que eu não tinha mais ânimo para fazer, fiquei tão triste...eu fiquei muito triste...*

Situação de impasse
Nos dois meses seguintes várias situações de perdas concretas e fantasiadas foram elaboradas, mas o paciente informa que vai procurar outra terapeuta, que seria interessante outra experiência em psicanálise.

Segundo paciente

Ocorre no terceiro ano de análise, e se refere a uma modificação importante de um sonho de repetição narrado no primeiro ano de tratamento.

Os sonhos de repetição no primeiro ano de tratamento

Então eu ia para X, ficava lá, deitava na areia, não tinha ninguém e eu dormia e sonhava. Era sempre o mesmo sonho, sempre... não foi uma nem duas vezes e era sempre lá ... eu ficava na areia, deitava e dormia, parecia que ali eu conseguia descansar, eu sabia que a maré ia subir e que se eu não acordasse podia me afogar, lá em x o mar é brabo, não sei se você conhece, de vez em quando morre gente, e aí eu me via na pedra lá em cima, era eu na pedra me olhando, a mesma coisa, quer dizer era eu lá em cima me olhando deitado na areia lá em baixo! Como se estivesse tomando conta de mim para eu acordar antes da maré subir. Aí, para eu acordar, eu que estava me olhando tinha de vir, era como se a alma tivesse que vir e se encaixar direitinho, certinho no corpo, se não fosse perfeito eu não acordava....aí no sonho eu sempre ficava com muito medo de não acordar...de ficar dormindo, sabe parecia que eu tinha de ficar parado, os dedos tinham que se encaixar, tinha uma sequência...

Na sessão seguinte o paciente dorme profundamente acordando sozinho pouco tempo antes da sessão acabar. Mais ou menos um ano depois, com muita dificuldade, pois sempre afirmou que não gosta de sonhar, relata que os sonhos voltaram.

Parece que é igualzinho aquele sonho lá da praia. Sabe aquela hora que é um misto de cochilo e sono. Então, agora é a mesma coisa, só que eu estou no meu trabalho, estou de verdade, eu durmo um pouco e sei que tenho de acordar, aí eu faço esse trabalho todo de me ver, de ver a minha alma se encaixando. É como se fosse ressaca, eu fico assim, com aquela sensação de ressaca...

6 meses depois

...Eu tive aquele sonho, só que agora foi diferente, eu sempre soube que tava sonhando antes mas eu sentia uma agonia, um medo de não consegui acordar, se não me encaixasse direitinho né? Agora eu sabia que tava sonhando, como das outras vezes, mas apareceu um charuto, eu voltava para o meu corpo, sem problema, e fumava um charuto, aí e pensei, tudo bem, tô dormindo mesmo e vou continuar. Antes eu acordava apavorado, meu medo era não voltar, agora o charuto me deu uma sensação de calma, eu podia continuar dormindo...

Situação de impasse

Semanas depois deste último sonho, o paciente produz uma série de atuações extra-analíticas com perdas afetivas e financeiras consideráveis colocando em risco inclusive a possibilidade da continuidade do tratamento.

3-Discussão

As imagens do charuto e do objeto roubado nos dois sonhos descritos, ofereceram significados anteriormente inexistentes. Na discussão sobre este processo de significação utilizaremos como categorias de análise os conceitos convergentes de ideograma e pictograma afetivo aproximando-os do fluxo PS ↔ D em triangulação com a mente primordial.

O ideograma conforme apresentado por Bion (1994a/1967,1994b/1957), se refere ao momento quando uma impressão sensorial toma a forma de imagem ou de uma experiência emocional que podem se combinar em uma unidade simbólica que será ou armazenada ou comunicada pelo paciente. As imagens consideradas foram então resultado do somatório de unidades simbólicas, remetidos para o espaço intersubjetivo através da narrativa (Imbasciati, 1998) na qual os ideogramas utilizados pelos pacientes puderam ser observados possuindo uma qualidade psíquica diferente das imagens de repetição dos sonhos anteriores. Os sonhos

anteriores, em ambos os pacientes, possuíam as características de repetição, próximos da denominação de sonhos de evacuação dos elementos beta não transformados ou sonhos psicóticos (Grinberg, 1967; Segal 1993/1991). Para Bion (1975/1962,1994a/1967), o sofrimento de pacientes que sofrem de confusões como a de não poder sonhar, dormir e nem estar acordado indicam um estado de não discriminação entre o sono e vigília. Ainda neste sentido, questiona (Bion,1975/1962), sobre o que decidiria pela prioridade do estado de consciência sobre o estado de sonho e, de como levar para o estado de consciência, quando despertamos, a experiência que temos dormindo. Como o funcionamento da função alfa ocorre tanto no sono quanto na vigília, uma experiência emocional durante o sono não difere da experiência emocional na vigília pois na vigília as percepções da experiência emocional foram trabalhadas antes de serem usadas para pensamentos durante o sonho. Durante o sono, a função alfa permite que as impressões de sentido da experiência emocional de vigília estejam disponíveis para sonhos e pensamentos de sonho. Se uma pessoa na vida acordada não pode passar pela transformação dos dados de sentido para elementos alfa, ela não pode gerar o material necessário para o pensamento. Da mesma forma, se uma pessoa que está dormindo não pode sujeitar impressões sensoriais durante o sono para a função alfa, ela não pode sonhar ou criar pensamentos de sonho. Pode-se dizer que tal pessoa não distingue entre estar acordado e estar dormindo, já que a consciência é incapaz de produzir pensamentos de sonho ou experiências afetivas relativas as impressões dos sentidos. Assim, se uma experiência emocional durante o sono ou vigília é convertida em elementos alfa esta pode permanecer inconsciente ou consciente e, neste sentido temos ou o armazenamento ou a comunicação do ideograma e de narrativas sobre os sonhos. A falha da função alfa, (1975/1962) significa que o paciente não pode sonhar as impressões do sentido e ter acesso a experiência emocional e pensamento de sonho e assim, não pode ir dormir e não pode acordar. Estes estados são aqueles que impedem a formação de uma barreira de contato e no lugar desta temos uma tela beta que a substitui. Portanto, existe a

necessidade de estarmos sempre sonhando, pois a atividade da função alfa é contínua tanto na vigília quando durante o sono e produz as condições tanto para os pensamentos de vigília quanto para os pensamentos oníricos. Podemos compreender que de um lado temos os sonhos e de outro pensamentos e entre ambos, a função alfa (Sonho ↔ Função Alfa ↔ Pensamento).

A segunda forma de compreensão, é considerar que os sonhos anteriores, os de repetição, como aqueles nos quais havia uma ausência de significados e que esta aus ência de significados exerceria uma pressão n o aparelho para pensar pensamentos conforme os pressupostos apresentados por Barros (2000). O autor parte da premissa freudiana (Freud, 1900/1969d,1917/1969c) de que uma das funções do processo de sonhar é produzir, de forma contínua, uma elaboração das experiências emocionais a partir de imagens. Sugere que existem três níveis de significados que se interpenetram simultaneamente na vida mental: os conteúdos de alto significado, relativos à dinâmica do recalque; os conteúdos que possuem um significado potencial, disponíveis para a interpretação; os conteúdos com ausência de significado que pressionam por significação quando novas situações emocionais confrontam o ego. O autor então apresenta a noção de pictografia afetiva referindo-se à esta dinâmica de significados. A pressão exercida pela ausência de significado produziria imagens de significado latente que podem ou não adquirir um alto significado. Neste confronto, entre uma nova situação e o ego, existiria um período de ausência de significado que se aproxima do que Ferro (1996) se refere sobre emoções em busca de um personagem, não necessariamente antropomórfico, que se torna então parte da narrativa. O pictograma afetivo se refere a uma forma primitiva de representação mental das experiências emocionais, fruto da função alfa, com a criação de símbolos através da figuração para o pensamento de sonho, como um primeiro passo em direção aos processos de pensamento. Porém, os pictogramas ainda não são pensamentos e se expressam mais em imagens do que através do discurso verbal, mas, ao mesmo tempo, são diferentes dos elementos beta (Bion, 2004), pois estes são expelidos do

aparelho mental quando não transformados pela função alfa em elementos alfa. Desta forma, o pictograma afetivo contém em estado potencial um alto significado, que pode ser trabalhado transferencialmente e uma ausência de significado que exerce pressão para se fazer figurável no aparelho de pensar. Sua ação nos sonhos é organizar as experiências afetivas que mobilizam fantasias inconscientes construídas ao redor de núcleos de significado ao redor dos quais as experiências emocionais seriam organizadas. As imagens dos sonhos são esforços para compreender estes núcleos de significado e a relação entre eles.

A partir de tais categorias de análise podemos compreender que o trabalho de figurabilidade nos fornece significados para a experiência emocional relativa ao entrelaçamento na área de vibrância entre PS ↔ D e os elementos da mente primordial. Com a concepção de ideograma e de pictograma afetivo nos aproximamos das imagens do objeto perdido e do charuto como aquelas que condensam diferentes significados emocionais que nos auxiliam na compreensão das situações de impasse observadas posteriormente. Enquanto unidades simbólicas, ideogramas, estas imagens dinamizaram a área de vibrância PS ↔ D integrando conteúdos fragmentados e possibilitando a expansão e recombinação de fragmentos anteriormente sem significado, o das imagens nos sonhos de repetição. Enquanto pictogramas afetivos representam o significado potencial resultado da pressão exercida que a ausência de significado impõe ao aparelho de pensar pensamentos, enquanto pensamentos a procura de um pensador, ou seja, a pressão exercida pelos elementos da mente primordial.

No sonho sobre a perda do objeto que foi construído como uma cópia, podemos nos aproximar do ideograma enquanto experiência emocional que se combinou por somatória em uma unidade simbolizando o que antes não poderia ter sido significado afetivamente, pois havia uma evitação dos sentimentos de luto por um objeto original perdido. A defesa em relação a experiência afetiva do luto, realizada através da construção

de cópias, não seria mais possível e a ausência do objeto original pode então ser experenciada como perda. Outro aspecto importante foi o de que as experiências com pensamentos catastróficos entre o sono e a vigília não foram mais relatadas. Porém, a situação de impasse que se seguiu apresentou-se, em um crescendo de rememorações sobre as várias situações de perda anteriores até a consideração sobre a troca de terapeuta. Esta situação então foi interpretada com o auxílio do ideograma afetivo em seu estado de significado potencial que então adquiriu um valor de alto significado e pode ser trabalhado na transferência. Assim, a impossibilidade de se colocar uma cópia de terapeuta como proteção em relação as ansiedades depressivas ligadas ao receio e a preocupação em relação a sua perda, evidenciou também que a tentativa de interromper o tratamento ocorria justamente em um momento no qual a construção das cópias já não era mais possível.

O sonho sobre a imagem do paciente que observava a si mesmo, nos aproxima do trabalho clássico apresentado por Otto Rank (1971/1925) sobre a relação entre o duplo com o eu ideal na qual o medo da morte e de autopunição se manifestariam, mas também de Bion (1967/1950) com seu trabalho sobre o gêmeo imaginário. Bion também trata da questão do duplo, correlacionando o aparecimento das fantasias de gemelaridade às primeiras relações objetais, aos conflitos edípicos precoces, as dificuldades do paciente para tolerar a realidade psíquica interna e a percepção de impossibilidade de controle sobre o objeto. Enfatiza a importância do componente visual neste tipo de pacientes e sua utilização a serviço das capacidades de observação e do teste de realidade. A partir de concepções kleinianas sobre o édipo precoce e identificação dos sujeitos com seus objetos internos pressupõe uma forma de aproximar a fantasia gemelar dos mecanismos da cisão e da identificação projetiva. No relato pelo paciente das cenas finais nos sonhos de repetição, a do encaixe perfeito da alma com o corpo, que sempre traziam o estado de maior angústia, temos a representação de um mecanismo obsessivo que afetivamente é mais intenso do que a visão de ser observado por seu duplo. Aray e Bellagamba (1971), compreendem o gêmeo imaginário em

Bion como personificação de partes cindidas da personalidade que teria como objetivo a evitação do contato com objetos vivos os quais não se pode controlar pelo risco da ameaça de separação ou rejeição ligados a questão edípica precoce. A partir do pressuposto no qual a fantasia gemelar estaria ligada ao controle da relação com os objetos vivos, podemos nos dirigir aos elementos da mente primordial. A cena de maior impacto afetivo, continha o risco de a maré subir e, se o encaixe perfeito não pudesse se realizar, haveria o risco de afogamento e morte. Poderíamos conjecturar que neste encontro-reencontro-encaixe entre corpo e alma, como condição para não se afogar, haveria uma tentativa de comunicação entre o psiquismo pré-natal e pós-natal separados pela cesura do nascimento (Bion, 1981/1977)? Neste sentido, os conteúdos da mente primordial permaneceriam para o paciente na forma de intuições embrionárias sobre um encontro temido e ao mesmo tempo necessário para sua sobrevivência. O risco de não haver o encaixe perfeito, trazia a ameaça de engolfamento por conteúdos caóticos da mente primordial, pré-natal.

Quando o paciente dorme na sessão teria a psicanalista ficado no lugar de seu duplo, seu gêmeo, que no alto da pedra observava ele dormir? O consultório foi sua praia? Após algum tempo, como indicado acima, temos o sonho com o charuto que nos oferece um significado em potencial pois lhe permite perceber que houve uma mudança nos sonhos de repetição com a presença de um novo elemento que ao ser percebido interrompe a repetição da sequência do encaixe perfeito. Por outro lado, a imagem do charuto também lhe indicava um terceiro elemento entre a alma e o corpo que, paradoxalmente, apesar de possuir significado potencial, ao ser seguida pela situação de impasse impossibilitou a construção de uma interpretação transferencial. Houve atuações tanto em relação ao enquadre terapêutico como fora dele que imobilizaram a possibilidade de transformação do significado potencial deste pictograma afetivo na relação terapêutica que então, e durante um bom tempo, foi somente um continente para os pesadelos que terapeuta e paciente sonhavam acordados. O alívio pela percepção de um terceiro, o charuto, que lhe

permitiu não repetir a cena do encaixe perfeito foi emocionalmente experenciada como uma possessão. Uma possessão de conhecimento é diferente da curiosidade, ou disposição de conhecer na relação com um objeto vivo, a terapeuta, algo sobre si mesmo. A situação de impasse colocou a imagem onírica como um objeto possuído em um funcionamento de desconhecimento ativo e se manifestou pelo triunfo da arrogância.

4- Conclusão

A hipótese discutida das noções de ideograma e pictograma afetivo assinalaram que a figurabilidade onírica foi utilizada como fato selecionado ao fornecer coerência ao que antes parecia disperso e caótico nos sonhos de repetição demonstrado quando um paciente pôde sentir a perda porque não poderia mais fazer cópias, e o outro continuou a dormir sem passar pela tortura do encaixe perfeito. Como fato selecionado tais imagens combinaram elementos de significado potencial aproximando-nos, entretanto do reconhecimento de que na integração alguns fatos são agrupados, mas outros permanecem dispersos. Desta forma, nos interstícios de uma conjunção podemos supor a existência do que não foi integrado como sendo um negativo. Bion (1994a) nos indica que a inveja é uma conjunção constante e que em estado de inatividade encontra-se armazenada. Assim, a função alfa observada na produção destes sonhos que ofereceram imagens de significado potencial foi um continente para a inveja armazenada que se tornou ativa na área de vibrância com a ampliação do diâmetro PS ↔ D triangularizado com os elementos da mente primordial.

As imagens oníricas do objeto perdido e do charuto apontaram para uma experiência emocional com significados condensados, passíveis de abstração e simbolização, mas que estavam ao mesmo tempo ligadas ao desafio do ato de pensar e de se possuir um aparelho para pensar pensamentos. Por outro lado, ao levarmos em conta que uma conjunção

contém a inveja em seu negativo, os movimentos de integração na área de vibrância possuem o potencial de que elementos da mente primordial se manifestem pois estes não se integram. Assim, as situações de impasse seguida aos sonhos de limiar da posição depressiva podem ser compreendidas a partir de dois modelos respectivamente: o da barreira de contato e o da cesura.

O modelo da barreira de contato nos possibilita uma aproximação das dificuldades do aparelho de pensar pensamentos em abrigar os pensamentos oníricos indicando uma forma de funcionamento característica. Apesar do fato selecionado ter possibilitado a narrativa de elementos alfa através da figurabilidade, esta função não se manteve sendo seguida por uma profusão de elementos beta não disponíveis para o pensamento, mas somente para evacuações em ato, situação que difere da espiral de integração e desintegração característica do movimento de expansão psíquica que se assenta na identificação projetiva. Assim, compreende-se o impasse como um déficit, uma incapacidade do aparelho de pensar pensamentos de manejar, usar, os pensamentos relativos a transformações realizadas pela função alfa, ou seja, de aprender com a experiência emocional da análise.

Em consequência, observamos nos dois pacientes estados relativos à transformação em alucinose. A transformação em alucinose (Bion, 2004/1965) diz respeito a criação pelo paciente de sua própria teoria a respeito de seu sofrimento que rivaliza com as interpretações e com a teoria do analista. A experiência emocional no encontro da dupla terapêutica é transformada pelo paciente em impressões sensoriais que são evacuadas gerando prazer e dor, mas que não possuíram significado. A transformação em alucinose foi característica das duas situações de impasse nos aproximando do que Bion (2004/1965) denomina como hipérbole. A hipérbole pode ser clinicamente observada num crescendo de emoções a serem contidas e transformadas sendo dirigidas para um continente (Civitarese, 2015,2020). Como fato intersubjetivo, será um grito de ajuda do paciente ao continente terapêutico, mas também pode ser compreendida existindo entre objetos internos e produzindo um

fracasso da identificação projetiva. Como está vinculada a um estímulo perturbador, podemos aproximá-la do colorido afetivo das atuações intra e extra analíticas ocorridas nas situações de impasse com estes pacientes. O fator patógeno da hipérbole estaria ligado a crueldade do supereu que modula a intensidade da violência da evacuação indicando uma transformação operada pela inveja.

O fator da crueldade do supereu nos leva de encontro ao modelo da cesura relacionado aos elementos da mente primordial entrelaçados em PS ↔ D na área de vibrância. Bion expande a metáfora freudiana (Freud, 1969b/1926) sobre a continuidade entre a vida pré-natal e pós-natal incluindo a existência de um limiar que une e separa, ou separa e penetra. Podemos conjecturar a união do negativo dos elementos da mente primordial com os contéudos em PS e D e com isso compreender a penetração pelo psiquismo pré-natal na mente destes pacientes adultos. O paciente teria medo do futuro, pelo alcance das imagens oníricas, que poderia trazer características do passado, os elementos da mente primordial. Poderíamos relacionar as orientações sobre se investigar a cesura, como uma ligação, uma sinapse a partir do hiato das situações de impasse?

A mente primordial como uma área de registros psíquicos inacessíveis ao sistema simbólico, possui a qualidade de sensações terroríficas de aniquilação que se procura evitar. Mattos e Braga (2009) pressupõe que nas fundações de nossa vida mental existe uma atividade moral, anterior as relações de objeto e que urge para existir. Não se refere ao que é aprendido pela experiência emocional, mas a repetições de um já vivido primitivo que é o impedimento do contato com situações novas que possibilitem o crescimento da personalidade a partir do movimento de simultaneidade em PS ↔ D. Desta forma, acredita-se que as reações de impasse observadas carregavam elementos da consciência moral primitiva que confrontaram a capacidade de simbolização alcançada pela figurabilidade onírica.

6 - Bibliografia.

Aray, J., Bellagamba, H. (1971). Observaciones sobre el fenómeno del doble in la situación analítica de un paciente homosexual. In A. Raskovsky (Ed.), *Niveles Profundos del Psiquismo.* Buenos Aires: Kargieman,126-132.

Barros, E. M. R. (2000). Affect and pictographic image: The constitution of meaning in mental life. *International Journal of Psychoanalisis*, 81, 1087-99.

Bion, W. R. (1981). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise,* 15, 123-136. (Trabalho original publicado em 1977)

__________(1973). Atenção e interpretação. Trad. Carlos Heleodoro P. Affonso. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1966).

__________(2004). *Elementos de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1963)

__________ (1975) *Aprendiendo de la experiencia.* Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1962)

__________(1985) Evidęncia. *Revista Brasileira de Psicanálise,* (19), 1, 129-41.

__________ (1987a). Turbulência emocional. Revista Brasiliera de Psicanálise (21),121-133 (Trabalho original publicado em 1976).

_________ (1987b). Sobre uma citação de Freud. Revista Brasileira de Psicanálise, (21), 134-141. (Trabalho original publicado em 1976)

__________(1994a). Cogitations. London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1967).

__________(1994b). Sobre Arrogância. In W. R. Bion, *Estudos Psicanalíticos Revisados* (pp.101-108). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1957)

___________ (1994c). Making the Best of a Bad Job. In W. R. Bion, Clinical Seminars and Other Works. Londres: Karnac Books. (Trabalho original publicado em 1979)

___________(1994d). Sobre Arrogância. In W. R. Bion, *Estudos Psicanalíticos Revisados* (pp.101-108). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1957)

___________(1967). The imaginary twin. In W.R. Bion, *Second thoughts* (pp. 3-22). London: William Heineman. (Trabalho original publicado em 1950)

___________(1997). *Taming Wild Thoughts*. London: Karnac Books.

__________(2004). *Transformações - do aprendizado ao crescimento* (P. C. Sandler, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1965)

Corvo, R. (2008). *Diccionario de la obra de Wilfred R. Bion.* Madrid: Biblioteca Nueva.

Civitarese, G. (2020) Alucinose , Hipérbole e a diferenciação neurose-psicose no pensamento de Bion e na teoria do campo analítico. *Revista de Psicanálise da SPPA* (27),1, 103-127.

__________.(2015). Transformations in hallucinosis and the receptivity of the analyst. *International Journal of Psychoanalysis*, 96: 1091-1116.

Ferro, A. (1996). *In the Analyst's Consulting Room*. London & New York: Psychology Press.

Freud, S. (1969a). Análise terminável e interminável. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad., Vol. 23, pp. 247-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)

_______ (1969b). Inibições, sintomas e angústia. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad., Vol. 20, pp 95-203). (Trabalho original publicado em 1926).

_______(1969c). Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad, Vol.14, pp 123-134). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).

______ (1969d). Interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Obras psicológicas completas: edição standard brasileira* (Jayme Salomão, Trad., Vol 1 e 2). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).

Grotstein, J.S. (2011) *Um facho de intensa escuridão: o legado de Wilfred Bion à Psicanálise.* Artmed:Porto Alegre.

Grinberg, L. (1967). Función del soñar y clasificación clínica de los sueños en el proceso analítico. In Grinberg, L. *Psicoanalisis – Aspectos teóricos y clínicos* (pp.187-208) Buenos Aires: Alex Editor.

Imbasciati, A. (1998). *Afeto e Representação.* São Paulo: Editora 34

Juarroz, R. (1997): Poesía vertical - Casi razón. Buenos Aires: Ed. Emecé

Klein, M. (1936). A contribution to the psycho-genesis of the maniac-depressive states. In M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs & J. Riviere (Eds.), *Contributions to psycho-analysis*. Londres: The Hogarth Press & Institute of Psycho-Analysis.

________ (1948). Notes on some schizoid mechanisms. In M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs & J. Riviere (Eds.), *Developments in psycho-analysis*. Londres: The Hogarth Press & Institute of Psycho-Analysis.

Mattos, J.A.J., Braga, J.C. (2009) Consciência moral primitiva: um vislumbre da mente primordial. *Revista Brasileira de Psicanálise* (43), 3, 141-158.

Perron-Borelli, M.; Perron, R. (1987) Fantasme et action. *Revue française de psychanalyse*, (51) 539–636.

Poincaré, H. (1943), La Ciencia y la Hipótesis. Buenos Aires: Espasa Calpe.

Quinodoz, J.M. (2002). *Dreams that Turn Over a Page.* London:Routledge

Rank, O. (1971). *The double. A psychoanalytic study.* North Carolina: The University of Carolina Press. (Trabalho original publicado em 1925).

Segal, H. (1993). *Sonho, fantasia e arte.* Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1991.)

Stitzman, L. (2011). *Entrelazamiento: un ensayo psicoanalítico.* Valencia: Promolibro.

_________ (2017). Framework: ódio, áreas de vibrância: ideias para psicanalistas. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre,* (24),3,457-483.

_________(2009a). La Partícula Entrelazada y el Contágio Fanático. Asombrosas relaciones. In XXXI *Simposio Anual: El analista frente al mal-estar: Vicisitudes de la clínica yo de lo social e institucional*. Buenos Aires:Associação Psicoanalitica de Buenos Aires ,209-220.

_________(2009b). Soñar, Almacenar y Usar. De la resiliencia a la resiliencia alfa. Psicoanálisis, (31)3,377-387